

TEORIA GERATIVA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Arabie Bezri Hermont*
Gláucia do Carmo Xavier**

Nos últimos anos, temos assistido a um crescimento no interesse por trabalhos que investigam a relação cognição e linguagem. É dentro dessa perspectiva que esta edição se constitui, pois apresenta pesquisas que resultam de investigações realizadas dentro do eLinC (Estudos em Linguagem e Cognição), grupo de pesquisa da PUC Minas criado com o objetivo de estudar vários fenômenos, dentre eles, os de natureza gramatical no português brasileiro, à luz da Teoria Gerativa.

Os estudos aqui apresentados manifestam a busca de compreensão de fenômenos de caráter sintático-morfológico implicados na gramática de indivíduos adultos e na aquisição de língua materna.

Noam Chomsky foi o precursor dessa corrente teórica e é o autor do grande salto epistemológico ocorrido nos anos 50 do século passado. Desde então, inaugurou-se a tradição, nos estudos de linguagem, da relação entre Gramática e Cognição. A Teoria Gerativa, ao assumir que o conhecimento linguístico pode ser mais bem explicado levando-se em conta a natureza da mente, postula a existência de uma gramática universal e um conhecimento inato, codificado biologicamente. Assume ainda que a mente seria organizada em módulos e que a faculdade da linguagem é um desses módulos. Esta, por sua vez, também seria caracterizada pela modularidade, sendo a sintaxe, um dos módulos constituintes da faculdade da linguagem.

Outro pressuposto da gramática gerativa é que ela seria regida pelo critério da universalidade. Ou seja, há princípios gerais que explicam a organização das línguas naturais. Ao lado desses princípios universais, haveria parâmetros a serem escolhidos, os quais, por serem motivados por diferenças morfológicas, são os impulsionadores do desenvolvimento de estudos dentro desse quadro teórico.

Um exemplo de princípio é que todas as línguas naturais teriam um sujeito gramatical, que pode ser ou não produzido foneticamente. Os parâmetros da língua é que determinariam, então, as diferenças. O inglês seria uma língua de sujeito explícito e o italiano, não. Uma vez já expresso no discurso, o falante nativo do italiano sabe que não precisa de explicitar o sujeito.

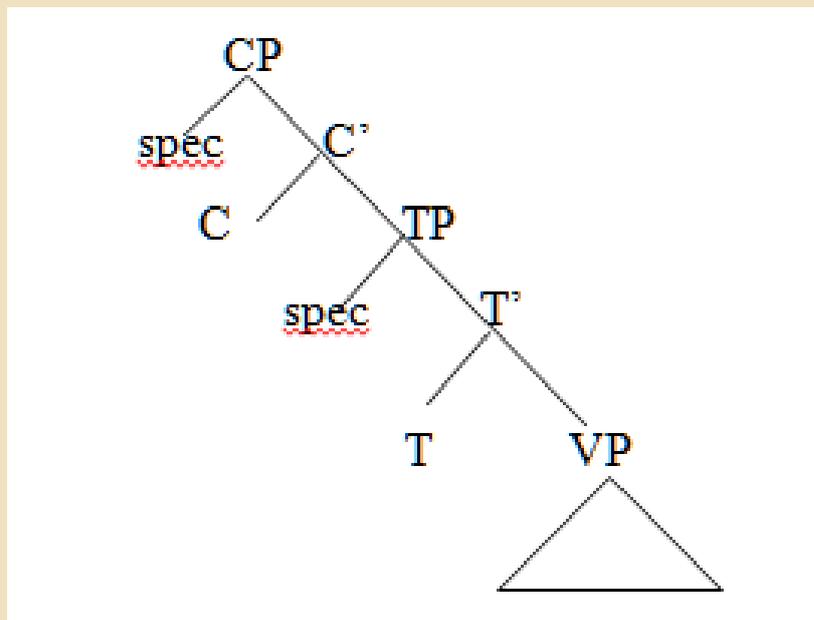
Nesse contexto, o estudo dos parâmetros está ligado diretamente às categorias funcionais, pois são elas as desencadeadoras da sintaxe. Palavras lexicais têm conteúdo descritivo, como nomes, verbos e adjetivos. Já as categorias funcionais desempenhariam outro papel, pois carregam informação gramatical. São exemplos de palavras correspondentes a categorias funcionais as

*Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Doutora em Linguística pela UFRJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisas eLinC (Estudos em Linguagem e Cognição).

**Professora de dedicação exclusiva do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), atuando no Ensino Médio e Mestrado ProfEPT. Líder do Grupo de Estudo sobre Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura (GEALI). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (PUC-MG). Coordenadora do projeto da FAPEMIG intitulado “Verbos de ligação: Representação no módulo mental, natureza sintática e relações com o aspecto verbal”.

conjunções ‘que’, ‘se’ e ‘para’, chamadas complementizadores, os quais introduzem orações encaixadas, como em “Ele disse que o Pedro comeu o biscoito”, “Ele quis saber se você comeu o biscoito” e “Ele disse para você comer o biscoito”. Verbos auxiliares e morfemas verbais codificam tempo, modo, aspecto e, portanto, são considerados constituintes correspondentes a categorias funcionais, como ocorre em “Lucas está comendo biscoito”, em que tanto o auxiliar ‘está’ quanto a desinência –ndo codificam noções gramaticais. No primeiro caso, expressa noção de modo, tempo e aspecto e, no segundo caso, apresenta somente informação de aspecto progressivo. Determinantes codificam gênero e número, logo exercem papel de categoria funcional, tal como em “O menino deu uns doces a sua irmã”. Em ‘o’ temos o gênero masculino, singular e definitude. Em ‘uns’ temos gênero masculino, plural e indefinitude.

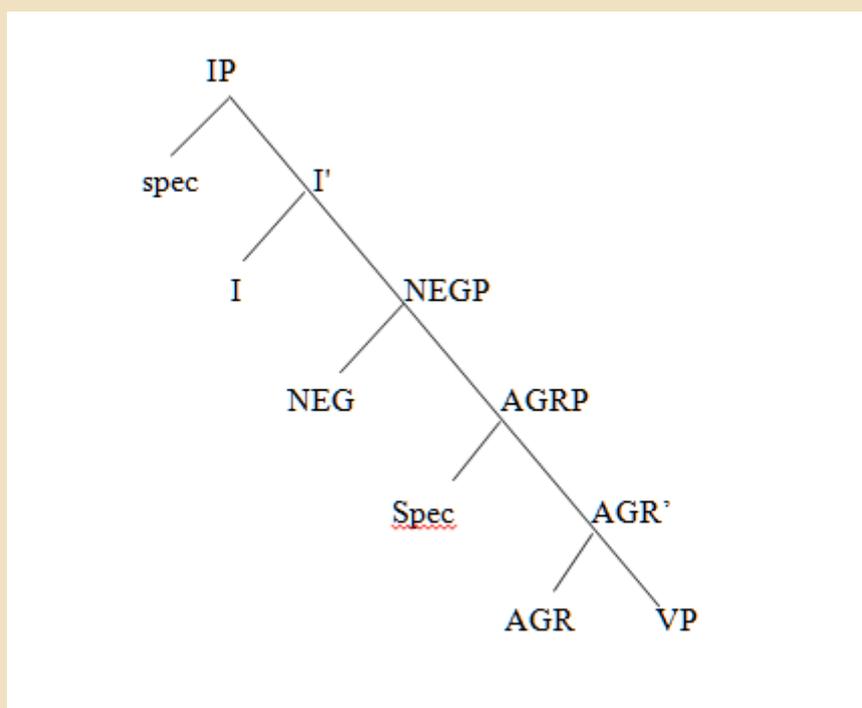
Logo, podemos depreender desses exemplos que as categorias funcionais são um conjunto de traços presentes na gramática mental. Na árvore sintática a seguir, um constituinte complementizador, por exemplo, ocuparia o núcleo C de um CP (*Complementiser Phraser*, em português, Sintagma Complementizador). Já um verbo teria sua posição final, na derivação de uma sentença, em T (*Tense*), núcleo de um TP (*Tense Phrase*, ou um Sintagma de Tempo ou Sintagma de Flexão).



Interessante observar que, ao longo dos estudos gerativistas, houve várias propostas de divisão das categorias funcionais. Rizzi (1997), por exemplo, propôs que a projeção CP seja dividida em quatro nódulos, quais sejam: força (denominado ForceP); tópico (chamado TopP); foco (constituindo FocP); e finitude (denominada FinP). A projeção ForceP teria a função clássica conferida a CP, que é a de ter o papel de designar à sentença a força declarativa, interrogativa, imperativa ou exclamativa. FocP teria, como núcleo, um constituinte que teria sido movido para a frente da sentença a fim de ganhar foco, como, por exemplo, em “Biscoito, eu não comi”, em que o objeto sai de sua posição e vai para o início da sentença, a fim de ter uma ênfase especial. Partindo de uma perspectiva de discurso, o foco seria uma notícia nova, ou seja,

uma informação que não foi previamente mencionada no discurso e assumida não ser familiar por parte do ouvinte. Entre a projeção de força (a mais alta) e a projeção de foco, teríamos, segundo Rizzi, a camada de Tópico. Nesta projeção, ao contrário da projeção de foco, teríamos uma notícia velha, que é aquela informação que já foi mencionada no discurso e, portanto, é assumido ser conhecido pelo ouvinte. A quarta projeção funcional de CP seria FinP, o sintagma da finitude, que indicaria se uma sentença é finita ou não finita.

Também para a camada flexional, já houve várias propostas de divisões. Desde Emonds (1976), pode-se dizer que há essa noção de divisão. O pesquisador propôs uma marcação binária para o nóculo de flexão. Assim, uma sentença finita seria marcada como [+T, +AGR] e uma oração não infinita, [-T, -AGR]. Pollock (1989) desenvolveu ainda mais a proposta de Emonds e, ao observar o movimento de verbos em relação a advérbios, quantificadores e partículas de negação nas formas finitas e não finitas em inglês e em francês, propôs que deve haver um nóculo de concordância (AGR) e um de tempo (na ocasião, convencionada I – de *Inflection*), conforme a árvore sintática a seguir exemplifica (IP, nessa perspectiva, corresponderia a TP).



Esse modelo de árvore sintática foi adotado por um tempo até Chomsky (1995), em que AGR passa a não ser mais um nóculo constituindo um sintagma, pois não teria interpretabilidade semântica. Dessa forma, TP (antes IP) passa a ser o local onde se dá a flexão verbal. Na perspectiva de indicar uma nova divisão da projeção relacionada à flexão, alguns trabalhos (Hermont, 2005), (Hermont & Morato, 2014) e (Xavier, 2016), por exemplo, nos acenam para a possibilidade de aspecto verbal ser uma categoria funcional, ao lado de TP. A fim de aprofundarmos nesse assunto, passamos à explanação do que vem a ser tempo e aspecto verbal.

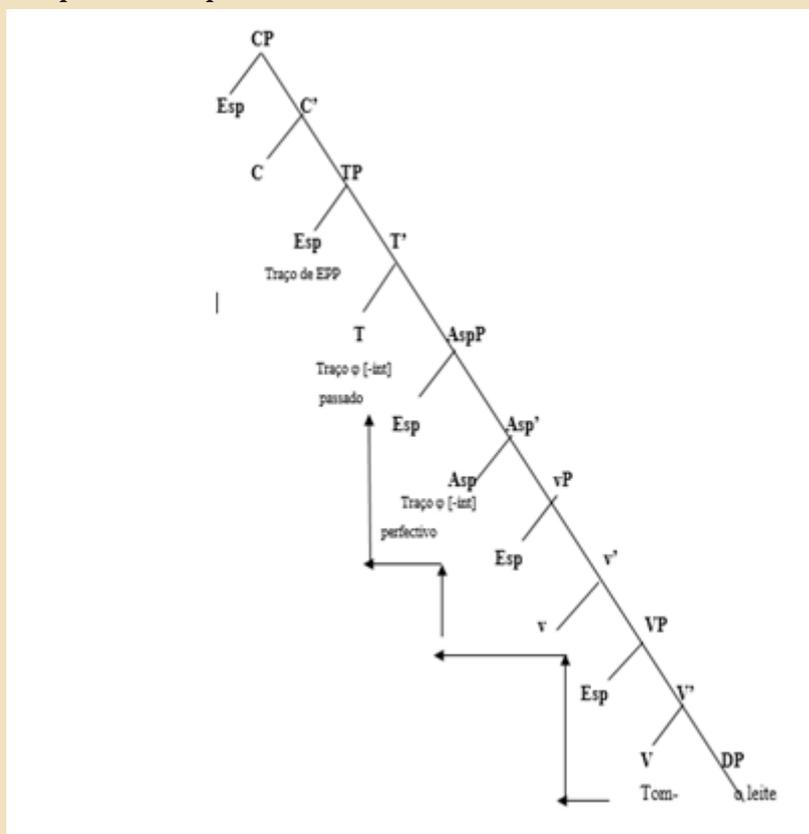
Tempo situaria o momento de ocorrência de uma dada situação no passado, no presente ou no futuro e aspecto estaria ligado a diferentes formas de verificar a constituição temporal interna

da situação, ou seja, sua duração: se concluída ou se inconcluída.

Há várias formas de abordar a noção aspectual. Para fins desta apresentação, podemos trazer Comrie (1976, p. 25) que classifica as oposições aspectuais em perfectivo e imperfectivo. A primeira noção vislumbra a situação como um todo único, sem distinção das várias fases separadas que fazem aquela situação. A segunda noção está ligada a uma dada estrutura interna da situação e se subdividiria em habitual e contínuo e esta última categoria seria subdividida em não-progressivo e progressivo. As noções de perfectividade e imperfectividade são importantes à medida que os trabalhos desenvolvidos no eLinC, que tratam das noções de tempo e de aspecto, adotam uma árvore sintática com um nóculo aspectual, onde são valorados traços [+/- perfectividade], e um nóculo temporal, onde são valorados traços [+/- passado].

Em Hermont (2005) e Hermont & Morato (2014), por exemplo, adotou-se uma árvore sintática com nóculo para flexão temporal e outro para flexão aspectual. Veja-se, por exemplo, que, na árvore a seguir, quando o verbo participa da derivação da sentença, teria, inicialmente, os traços valorados no nóculo do Sintagma Aspectual e, em seguida, no nóculo do Sintagma Temporal.

Noções temporais e aspectuais na árvore sintática – Forma verbal simples

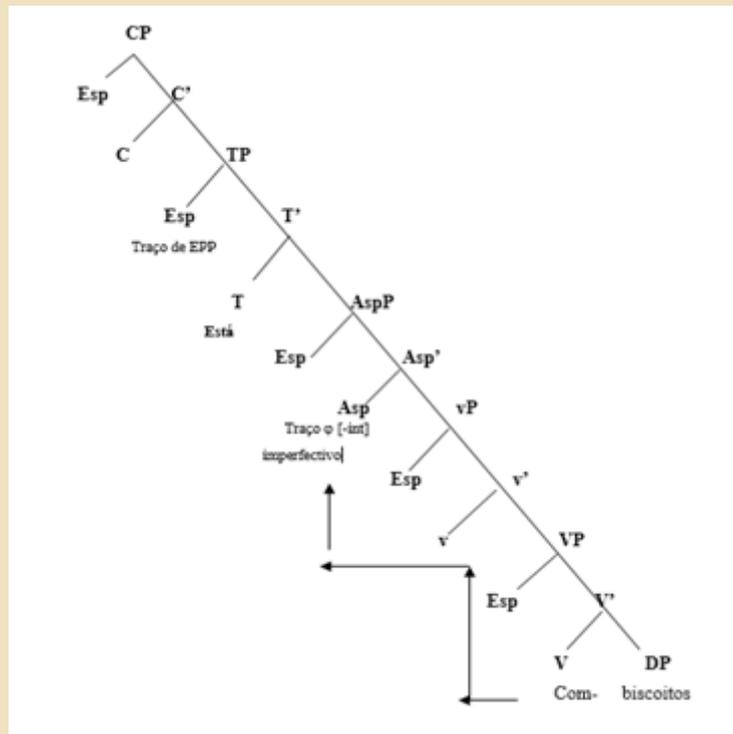


Fonte: Hermont & Morato (2014, p. 228)

Quando se trata de uma perífrase verbal (auxiliar + verbo principal), a ideia é que o auxiliar já seja gerado no nóculo do Sintagma Temporal e o verbo principal tenha os traços aspectuais

valorados no Sintagma Aspectual, conforme a árvore seguinte:

Noções temporais e aspectuais na árvore sintática – Perífrase verbal



Fonte: Hermont & Morato (2014, p. 229)

Nos últimos anos, algumas abordagens determinaram mudanças nos estudos dentro do enquadramento teórico da Gerativa. Um dos textos que marcou essa mudança foi Hauser, Chomsky e Fitch (2002), que estabelece uma distinção entre a faculdade da linguagem no sentido estrito (FLN) e a faculdade da linguagem no sentido amplo (FLB). A primeira incluiria apenas o sistema computacional e mapeamento para as interfaces e a segunda daria relevância aos sistemas de interface, ampliando, dessa forma, os estudos que visam a compreender a relação entre linguagem e cognição. Outra mudança que se vê, nos últimos estudos em Teoria Gerativa, está relacionada à compreensão dos parâmetros da Teoria Princípios e Parâmetros, que tem sido fortemente ligada aos traços formais do léxico.

Apresentados alguns pressupostos da Teoria Gerativa, podemos colocar uma das preocupações centrais da teoria linguística e de teorias cognitivas: como os seres humanos adquirem a linguagem? Dentro dos estudos gerativistas, o consenso é que somos adaptados para a tarefa de aquisição da linguagem e o desenvolvimento da linguagem é consequência de capacidades inatas e moldado pelo ambiente.

As crianças, desde que expostas à língua de seu grupo linguístico, adquirem um sistema organizado hierarquicamente de categorias e regras abstratas. A partir daí as crianças têm a capacidade de produzir e compreender sentenças muito além do conjunto restrito que ouviu

ao longo do processo de aquisição de linguagem. As crianças, em desenvolvimento típico, em um curto período de tempo, desenvolvem um sistema rico e altamente abstrato de normas que constitui a gramática da sua língua. Além disso, a criança parece estar provida de um sistema gerativo, isto é, um sistema combinatório de combinação de constituintes, lexicais e funcionais, que derivam uma sentença. Ou seja, as crianças são capazes de produzir e compreender sentenças que apresentam argumentos e verbos em posição não canônica ou que apresentam argumentos foneticamente nulos. São capazes de produzir e compreender sentenças com pronome anáfora e ligá-lo a um referente presente no discurso, isso sem nenhum equívoco.

Dentro deste espírito é que os estudiosos da teoria gerativa debruçam-se sobre pesquisas em aquisição de linguagem, pois essa faculdade da espécie humana parece ter facilidade particular para a computação de sentenças altamente complexa constituída por pronomes e elementos nulos. Por exemplo, uma criança sabe, de forma inconsciente, que há diferença entre “O policial perseguia o ladrão” e “O ladrão perseguia o policial”. Isto é, a criança sabe que se trata de dois significados distintos. Ela também sabe que, em “O policial conhecia o ladrão que não gostava dele”, ‘dele’ significa ‘o policial’. Por fim, de forma inconsciente, a criança sabe que, em “Nós jantamos e Ø fomos embora”, o sujeito de ‘fomos’ é o mesmo de ‘jantamos’.

Portanto, a criança que adquire a língua parece adquirir uma computação que lhe permite produzir e combinar estruturas segundo os princípios e restrições do sistema. Assim, quando uma criança demonstra compreender uma dada expressão linguística, ela vai muito além da cadeia de superfície, ou seja, daquilo que ouve sonoramente. As crianças são capazes de compreender, em uma sentença, elementos linguísticos fora da posição canônica tanto quanto elementos nulos.

E é dentro deste contexto que várias pesquisas são e foram desenvolvidas no grupo eLinC, à luz da Teoria Gerativa. O primeiro artigo desta edição denomina-se ‘Teoria Gerativa: contexto histórico e perspectivas’, de Gisely Gonçalves de Castro. O texto de caráter teórico apresenta a trajetória do empreendimento gerativo, desde o seu surgimento na década de 50 – Chomsky (1957) -, perpassando por *Aspects of the Theory of Syntax* (CHOMSKY, 1965), *Lectures on Government and Binding* (CHOMSKY, 1981), *The Minimalist Program* (CHOMSKY, 1995), chegando a trabalhos mais recentes que demonstram novos alinhamentos da Teoria Gerativa, tal como Hauser, Chomsky e Fitch (2002). Castro promove um histórico das várias fases do gerativismo, desde seu advento, trazendo as abordagens iniciais, a Teoria Transformacional Inicial e a Teoria Padrão, em que noções como componente sintático de base e componente transformacional são trazidas. Ao discorrer sobre *Aspects of the theory of syntax*, de 1965, a autora destaca a Estrutura Profunda, que passou a conter todas as informações necessárias à interpretação semântica das sentenças. Para o modelo da Teoria da Regência e Ligação, Castro enfatiza as noções ligadas à Teoria X-barra e à proposta de *trace*, que possibilitou uma nova análise para as transformações que envolviam movimento, e chega ao Programa Minimalista, demonstrando o papel crucial do léxico, dos sistemas de interface e dos princípios de economia propostos em Chomsky (1995). Ao final, Castro traz noções presentes em Hauser, Chomsky & Fitch (2002), demonstrando o papel da recursão sintática, como desenvolvimento recente na evolução do Homo sapiens e destacando a importância do quadro teórico ao tentar explicar

o quão complexa é a linguagem

Os próximos quatro artigos versam sobre aquisição de linguagem à luz da teoria gerativa. O primeiro deles é de Morato & Ziegler, que desenvolveram uma pesquisa sobre tempo e aspecto, comparando dados do português brasileiro e espanhol mexicano. Os autores demonstram, em dados de aquisição de linguagem nas duas línguas, que há produções com morfemas ou formas verbais unicamente ligados a aspecto e há produções com as noções de tempo e de aspecto. Se há produções linguísticas com somente uma das noções, claramente elas devem ser dissociadas na gramática mental. Ancorados em Wexler (1998), os autores propõem que, na gramática de crianças em fase de aquisição de linguagem, deve ocorrer uma restrição em que nem sempre os traços de aspecto e de tempo são valorados. Os autores ainda tiveram como meta investigar, nas duas línguas, a relação entre aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical. Ou seja, predicados marcados pelo traço de telicidade tendem a surgir na forma perfectiva. Já aqueles marcados pela atelicidade seriam mais comuns em formas verbais imperfectivas. Nos dados tanto de crianças falantes do português brasileiro, quanto do espanhol mexicano, os autores verificaram essa estreita relação, confirmando resultados já alcançados em diversas pesquisas em várias línguas.

O texto de Ana Lúcia Barros Leôncio, intitulado 'O objeto nulo na aquisição da linguagem', justifica-se pelo seguinte: se a possibilidade de se ter objeto nulo em uma língua é um parâmetro, esse é um tema relevante na agenda de estudos sobre aquisição de linguagem. Isso porque, se há variação e mudança, a criança fixará o parâmetro relativo ao objeto (explícito ou nulo). Leôncio, baseando-se em vários autores que tratam do tema, realiza sua pesquisa com crianças de zero a cinco anos e nove meses. Para a autora, os objetos foneticamente nulos devem ser favorecidos, no Português Brasileiro, em contextos em que o antecedente é indefinido/não específico ou inanimado. Assim, após selecionar todas as sentenças produzidas pelas crianças pesquisadas, Leôncio verificou se havia objeto foneticamente explícito ou objeto nulo, observando se tal constituinte tem seu antecedente caracterizado pelos traços de animacidade e de especificidade. Os dados obtidos na pesquisa realizada indicaram que os antecedentes do objeto nulo preferencialmente são marcados pelos traços [-animado] e [+ específico].

Se para os dois últimos artigos pode-se verificar uma preocupação na compreensão da natureza da linguagem e de como as crianças adquirem a linguagem e colocam-na em uso, o artigo de Kelcius Rodrigues Ferreira, denominado 'A aquisição da linguagem por parte de crianças com síndrome de Williams: um estudo de caso sobre a compreensão de sentenças passivas', traz algo interessante para os estudos gerativistas. O texto apresenta o resultado de um estudo de caso e teve, como objetivo, verificar a habilidade na compreensão de sentenças passivas por parte de uma criança de dez anos com a Síndrome de Williams. Essa é uma doença rara, geneticamente determinada e se revela por meio de um déficit cognitivo, comportamental e comunicativo. O autor apresenta a Hipótese do Déficit Prolongado na Formação das Cadeias-A (EACDH), proposta por Perovic e Wexler (2010) e, por meio de aplicação de testes do tipo correspondência sentença-gravura, comuns em estudos de aquisição de linguagem sob a ótica da Teoria Gerativa, verificou-se que a criança com síndrome de Williams teve um desempenho ruim na compreensão de sentenças passivas longas em comparação ao de um grupo controle,

constituído por crianças com desenvolvimento linguístico típico. Os resultados encontrados por Ferreira reforçam a postulação de Perovic e Wexler (2010) e os argumentos em favor da modularidade da linguagem.

Amanda Carvalho Souza, no artigo denominado 'A produção de verbos monoargumentais no processo de aquisição da linguagem', justifica-se porque, se se entende que os indivíduos são biologicamente programados para adquirir qualquer língua, é pertinente um estudo que verifique se as crianças em processo de desenvolvimento da gramática conseguem produzir sentenças com movimento de argumentos. A autora, ancorando-se em Palmiere (2002) e Ciríaco & Cançado (2004), apresenta resultados de uma pesquisa com a produção de verbos monoargumentais, a saber: verbos inergativos e inacusativos. Os inergativos canonicamente surgem na ordem SV e têm, na posição de sujeito, um sintagma com papel temático de agente. Já os verbos inacusativos podem surgir na ordem SV ou VS e têm, na posição de sujeito, um sintagma com papel temático de paciente. A autora teve como objetivo verificar em que fase surgem as estruturas inergativas e as inacusativas e em que ordem os verbos ocorrem, se na ordem SV ou na VS. Era ainda objetivo observar a relação entre o tipo de verbo monoargumental e o aspecto semântico, já que é comum, na literatura, encontrar verbos inergativos caracterizados pela atelicidade e os inacusativos, pela telicidade. Os resultados da pesquisa desenvolvida por Souza revelam que os verbos inergativos ocorrem exclusivamente na ordem sujeito-verbo e os verbos inacusativos aparecem preferencialmente nessa ordem. Isso é interessante, pois nos permite constatar que a criança, em tenra idade, já tem a possibilidade de aplicar a operação sintática de movimento, já que o argumento único dos verbos inacusativos é gerado na posição de objeto da sentença. Ainda como resultado do trabalho realizado, pode-se verificar que, na fala infantil, os verbos inacusativos e os inergativos ocorreram mais vezes em predicados atélicos, o que não confirmou o que se previa inicialmente na pesquisa, já que se esperava para os verbos inacusativos uma maior ocorrência em predicados télicos. Um dos possíveis motivos para esse segundo resultado pode ter sido a inclusão de verbos de ligação no grupo dos inacusativos.

Gláucia do Carmo Xavier, motivada por resultado bastante similar ao de Souza em pesquisa desenvolvida anteriormente (Xavier (2016)), apresenta-nos agora um artigo intitulado 'Estudo formal dos verbos de ligação: natureza sintática e representação no módulo mental'. A autora realizou sua pesquisa respondendo às perguntas: como pode ser feita a representação formal de sentenças com verbos de ligação? Verbo de cópula, verbo de alçamento e verbo de ligação possuem o mesmo *status* gramatical? O verbo de ligação pode ser entendido como um verbo inacusativo? Para tal, realizou inicialmente um estudo bibliográfico na tentativa de diferenciar os verbos de ligação dos verbos de alçamento, verbos de cópula e verbos inacusativos. Após isso, foi estabelecido um conjunto de traços definidores dos verbos de ligação e foram usados, na pesquisa, testes de prototipicidade de inacusatividade. Foi verificado que o verbo de ligação possui traços comuns aos verbos copulares, aos verbos de alçamento e aos verbos inacusativos, entretanto a intercessão que se constrói não é suficiente para afirmar que verbo de ligação seja sinônimo de qualquer outro tipo de verbo. No trabalho em questão, coloca-se que o verbo de

ligação não seleciona argumento externo, mas, sim, seleciona um sintagma de *small clause* como argumento interno. Além disso, esse verbo não impõe restrição semântica ao sujeito estrutural e não aceita a posposição do sujeito de forma natural, como ocorre com verbos inacusativos. Propôs-se, neste artigo, que as sentenças copulativas abarquem um sintagma para *small clause* em detrimento do VP existente hoje e outro sintagma funcional para os verbos de ligação.

A partir desta apresentação panorâmica dos seis textos que constituem esta coletânea, assumimos o desafio de oferecer ao leitor um convite à reflexão sobre a realização de pesquisas que privilegiem a busca de compreensão de fenômenos linguísticos e processos de aquisição de linguagem, sob a ótica da Teoria Gerativa.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, A. N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, A. N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications, 1988 [1981].
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1985 [1957].
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge: Massachusetts. The MIT Press, 1995.
- CIRÍACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. Inacusatividade e inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.46, n.2, p. 207-225, jul/dez. 2004.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- EMONDS, Joseph. *A transformation approach to syntax*. New York: Academic Press, 1976.
- HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The Faculty of Language: What is it, Who has it, and How did it Evolve? *Science*, New York, v. 298, p. 1569–1579, nov. 2002.
- HERMONT, Arabie Bezri. *Tempo e Aspecto no DEL*. 2005. 273f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- HERMONT, Arabie Bezri; MORATO, Rodrigo Altair. Aquisição de tempo e aspecto em condições normais e no déficit específico de linguagem. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 10, número 1, junho de 2014. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]
- PALMIERE, Denise Telles Leme. *A inacusatividade na aquisição da linguagem*. 2002. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos em Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PEROVIC, A.; WEXLER, K. Development of verbal passive in Williams syndrome. *Journal of Speech, Language and Hearing Research*, v. 53(5), p. 1294–1306, 2010.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, p. 365-425, 1989.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

WEXLER, Kenneth Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua*, v. 106, p. 23-79, 1998.

XAVIER, Gláucia do Carmo. **O estudo do aspecto em uma perspectiva minimalista: representação sintática e relações com categorias funcionais e lexicais**. 2016. 236f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.